

25 de novembro

*Dia de Combate
à violência
contra a
mulher*



Cuiabá, 06 de novembro de 2020.

CARTA ABERTA

Às Igrejas e/ou Instituições Religiosas

A pandemia de violência contra a mulher

“Vou convidar Oneide, Rosa, Ana Maria, a mulher que noite e dia luta e faz nascer o amor...”

No dia 25 de novembro celebra-se o Dia Internacional de Combate à Violência Contra a Mulher¹ e os 16 dias de ativismo contra a violência às mulheres (25/11 a 10/12).² No Brasil, a mobilização abrange o período de 20 de novembro (Dia Nacional da Consciência Negra) a 10 de dezembro (Dia Internacional da Declaração Universal dos Direitos Humanos).

A violência contra a mulher é uma das mais graves pandemias que a nossa sociedade tem vivenciado. Os números não deixam dúvida com relação à gravidade desse fenômeno, que atinge todas as classes sociais, raças, religiões, culturas e faixas etárias, das mais distintas formas, com várias faces. Uma mulher pode sofrer violência física, sexual, verbal, moral, patrimonial, psicológica, entre outras.

O Brasil é o 5º país do mundo mais violento para mulheres. E o primeiro país em assassinato de transexuais, sendo as mulheres trans as principais vítimas. Aqui, morrem mais mulheres vítimas de violência doméstica do que por câncer e acidente no trânsito. Em cada 5 mulheres, 3 são violentadas dentro de algum relacionamento, ou seja, por alguém de suas relações pessoais e/ou familiares. A cada 17 segundos uma mulher é agredida fisicamente no Brasil. De meia em meia hora alguém relata um caso de cárcere privado. Toda semana 33 mulheres são assassinadas por parceiros ou ex-parceiros e a cada 11 segundos uma mulher é estuprada no Brasil, sendo as meninas de até 13 anos as principais vítimas. A violência no país é, ao mesmo tempo, gritante e velada, o que ensejou a criação de uma lei

1 No dia 25 de novembro de 1960, as irmãs Pátria, Minerva e Maria Teresa, conhecidas como “Las Mariposas”, foram brutalmente assassinadas pelo ditador Rafael Leónidas Trujillo, da República Dominicana. As três combatiam fortemente aquela ditadura e pagaram com a própria vida. Seus corpos foram encontrados no fundo de um precipício, estrangulados, com os ossos quebrados. As mortes repercutiram, causando grande comoção no país. Pouco tempo depois, o ditador foi assassinado. Em 1999, a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas instituiu 25 de novembro como o Dia Internacional da Não-Violência Contra a Mulher, em homenagem às “Mariposas”. Ou seja, durante um dia no ano, incitam-se reflexões sobre a situação de violência em que vive considerável parte das mulheres em todo o mundo. (<https://www.revistabula.com/5521-25-de-novembro-dia-internacional-da-nao-violencia-contra-a-mulher/>)

2 Os 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres é uma campanha anual e internacional que começa no dia 25 de novembro, Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres, e vai até 10 de dezembro, Dia Internacional dos Direitos Humanos. Foi iniciada por ativistas no Instituto de Liderança Global das Mulheres, em 1991, e continua a ser coordenada anualmente pelo Centro para Liderança Global das Mulheres. É uma estratégia de mobilização de indivíduos e organizações, em todo o mundo, para engajamento na prevenção e na eliminação da violência contra as mulheres e meninas. (<http://www.onumulheres.org.br/16dias/>).

específica para intervir e dar visibilidade ao tema, a lei Maria da Penha.

Até 2030 podem morrer 500 mil mulheres vítimas de violência doméstica no mundo. A cada dia o feminicídio aumenta e com a mulher negra essa estatística é ainda mais violenta, sendo que o homicídio de mulheres negras aumentou 54% em dez anos.

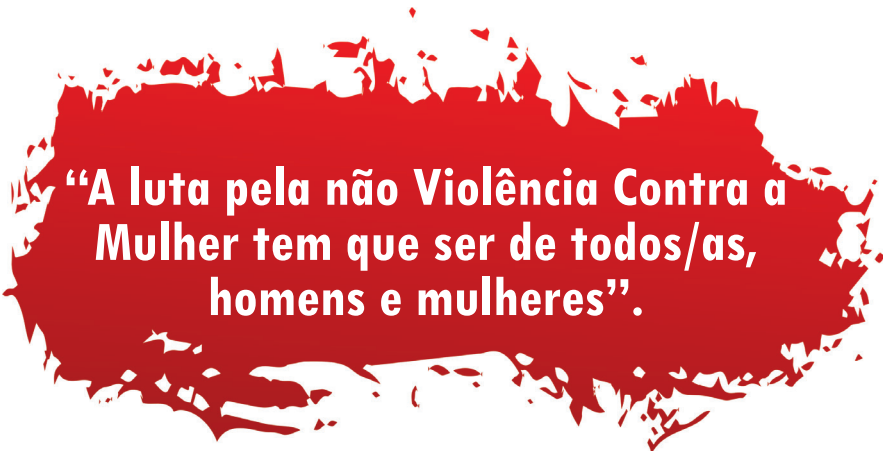
Em tempos de pandemia a violência contra a mulher é um tema ainda mais relevante e gritante, pois a conjuntura política, socioeconômica atual tende a exacerbá-la. A perda de empregos decorrente da crise afeta principalmente as mulheres que se concentram no setor de serviços, o mais afetado pela crise. No Brasil, mulheres são mais sujeitas à informalidade do que homens. No serviço doméstico, setor mais vulnerável economicamente na crise, 90% do trabalho é realizado por mulheres, e mais de 70% dos trabalhadores do setor são negros indicando a maior precariedade do emprego da mulher negra.

Cabe frisar que a violência não é um fenômeno da pandemia. Ela só se mostra ainda mais agora, pois as mulheres estão presas em casa com os seus agressores, sem muitas possibilidades de pedirem ajuda, ou denunciarem. Vários estados brasileiros já alertam para o grande aumento de casos de violência doméstica e feminicídio. Governos do mundo inteiro relatam aumento nas denúncias de violência doméstica.

A agressão é a face mais evidente e chocante da desigualdade de gênero em nossa sociedade, mas essa violência também se expressa na sobrecarga de trabalho, na diferença de oportunidades, de salários, de acesso a recursos, de exigências morais e de tratamento dado a homens e mulheres, entre outras tantas desigualdades que sobrecarregam cotidianamente as mulheres.

As entidades religiosas têm uma importância muito grande na manutenção ou na transformação dessa realidade, haja vista que, para além do cuidado com as questões espirituais e transcendentais, são uma referência na construção de comportamentos e de valores em nossa sociedade. Nesse momento tão significativo, conclamamos as Igrejas e/ou instituições religiosas a assumirem uma postura ativa contra qualquer tipo de violência e na defesa da integridade e dos direitos das mulheres, na certeza de que nossas ações podem nos levar em direção a um mundo melhor.

Coletivo de Mulheres Camponesas e Urbanas:



“A luta pela não Violência Contra a Mulher tem que ser de todos/as, homens e mulheres”.